

CONSTRUÇÕES COM O VERBO *TER* EM FUNÇÃO APRESENTATIVA: UMA ANÁLISE À LUZ DA SEMÂNTICA DE FRAMES

CONSTRUCTIONS WITH THE VERB TER IN A PRESENTATIONAL FUNCTION: AN ANALYSIS IN THE LIGHT OF FRAME SEMANTICS

Igor Andrade BARBOSA¹

RESUMO: Este estudo analisa construções (Croft, 2022) com o verbo *ter* no português brasileiro, focalizando sua função apresentativa sob a perspectiva da Semântica de Frames (Fillmore, 1982; Pinheiro; Ferrari, 2015). Com base na análise de um corpus de tirinhas, argumentamos que essas construções emergem do frame de *Cena de Alocação de Atenção*, evidenciando um mecanismo cognitivo subjacente à introdução de entidades no discurso. A análise revelou que construções VS com o verbo *ter* emergem do direcionamento do foco de um Observador para uma Entidade Focalizada. A pesquisa contribui para estudos linguísticos que buscam compreender as interações entre gramática, cognição e discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo *ter*; Semântica de frames; Gramática de construções.

ABSTRACT: This study analyzes constructions (Croft, 2022) with the verb *ter* in Brazilian Portuguese, focusing on its presentational function from the perspective of Frame Semantics (Fillmore, 1982; Pinheiro; Ferrari, 2015). Based on the analysis of a comic strips corpus, we argue that these constructions emerge from the Attention Allocation Scene frame, highlighting a cognitive mechanism underlying the introduction of entities into discourse. The analysis revealed that VS constructions with *ter* emerge from focus shifting from an Observer to a Focused Entity. The research contributes to linguistic studies that aim to understand the interactions between grammar, cognition, and discourse.

KEYWORDS: Verb *ter*; Frame semantics; Construction grammar.

1 Introdução

A realidade fundamental da linguagem reside na interação entre pessoas ao fazerem enunciações em contextos específicos. Logo, se a organização gramatical é moldada pelo uso que os falantes fazem da estrutura da língua em contextos reais de comunicação, a repetição de símbolos linguísticos em situações regulares leva à formação de padrões de uso, esquematizados cognitivamente como *construções*

¹ Graduando do Curso de Letras (Licenciatura Plena) — Habilitação em Letras Português, Inglês e suas Literaturas —, na Universidade Federal de Lavras, Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas, Departamento de Estudos da Linguagem, Lavras, Minas Gerais, Brasil. Orientadora: Profa. Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira. Bolsista FAPEMIG de iniciação científica. E-mail: barbosa.igorandrade@gmail.com.

linguísticas (Tomasello, 2003, p. 99). Isso implica o reconhecimento da indissociabilidade entre a *função* dessas construções em diferentes contextos de interação e a *forma*, a estrutura dessas construções, que é produto da história de uma língua (Bybee, 2016).

Portanto, neste trabalho, elegemos a *construção* como unidade de análise linguística e nos alinhamos às teorias que se baseiam no uso da língua para desvendar o funcionamento dessas construções no discurso (Goldberg, 2006; Croft, 2001, 2022). Mais especificamente, nosso estudo se concentra em construções com verbo existencial. No português brasileiro (PB), três principais verbos ocupam o *slot* verbal dessa construção: *existir*, *haver* e *ter*, sendo que este último apresenta, além da noção existencial, diferentes funcionalidades no discurso — funções que vão desde seu sentido como posse (*eu tenho um livro*) até o uso como verbo-suporte (*eu tenho noção*) (Neves, 2011). Não surpreende que, dada a multifuncionalidade desse verbo, ele tenha aparecido em *construções existenciais* ao longo da história do PB (*cf.* Silva, 2000; Viotti, 1998) e, hoje, seja o mais recorrente no uso efetivo dessas construções (*cf.* Ribeiro *et al.*, 2014).

Na produção linguística brasileira, diversos trabalhos tomaram como foco a função discursivo-pragmática dessas construções, que “indicam a emergência de uma entidade nova no discurso” (Pezatti, 2014, p. 95). Em diferentes abordagens teóricas, alguns autores (Costa, 2018, 2022) distinguem a *construção existencial* da *apresentacional* (ou *apresentativa*), enquanto outros a consideram um “subconjunto” da *apresentacional*, diferenciando-a da *construção apresentativa não existencial* (Santos, 2019). Em geral, o que aproxima essas duas construções é a estrutura sintática, marcada pela ordem verbo-sujeito (VS), na qual o verbo ocupa a posição inicial, seguido por um sintagma nominal (SN).

Costa (2022, p. 222) indica uma possível diferença entre a *construção apresentacional* e a *construção existencial*: enquanto a primeira tem a função de introduzir um núcleo informativo focalizando-o, a segunda tem a função de inserir uma entidade na sequência enunciativa com acepção de existência. Além disso, segundo o autor, o SN posposto na *construção existencial* não mantém vínculo sintático com o verbo, já na *construção apresentacional* há vínculo sintático, uma vez que o SN tem função de sujeito gramatical (Costa, 2022, p. 223). Nesse sentido, para esse autor, os verbos existenciais pertencem a um grupo restrito, uma vez que há um número limitado de verbos que pode entrar na construção.

Entretanto, neste trabalho, buscamos nos filiar às abordagens que classificam essas construções como apresentacionais (Pezatti, 1993, 2014; Santos, 2019), uma vez que, independentemente da noção semântica que carregam, sua função no discurso é apresentar uma entidade. Assim, defendemos que a escolha entre VS e SV está diretamente relacionada à perspectiva adotada pelo falante e à função discursiva da enunciação (Pezatti, 1993). Ora, a essa noção de perspectiva alinham-se os estudos da semântica cognitiva, que buscam revelar a cena conceptual evocada por uma construção e compreender de que maneira essa cena é construída ou conceptualizada pelo falante.

É nesse sentido que a Semântica de Frames (Fillmore, 1982, 2009) propõe um modelo teórico que relaciona o significado linguístico a estruturas cognitivas baseadas na experiência e no conhecimento enciclopédico do falante. Nesse modelo, construções

não são analisadas isoladamente, mas em relação a frames — estruturas conceituais que organizam informações sobre determinado domínio. Essa abordagem tem sido aplicada a diferentes fenômenos linguísticos, incluindo a ordem VS no PB, como analisado por Pinheiro e Ferrari (2015). Os autores propõem que a construção VS está associada a uma representação semântica específica denominada *Cena de Alocação da Atenção* (CAA), na qual a entrada de uma nova entidade no campo perceptual do observador é fundamental para a interpretação do enunciado.

A partir dessa perspectiva, propomos, neste trabalho, que as construções com o verbo *ter* (comumente denominadas de *construções existenciais*) também emergem do frame da CAA. Assim, com base na Semântica de Frames, essa análise permite compreender a estrutura e o funcionamento dessa construção no PB, destacando como a organização do significado está intrinsecamente ligada a processos cognitivos e discursivos.

Metodologicamente, este trabalho tem caráter descritivo e abordagem qualitativa. Partindo de um corpus de 100 produções do cartunista André Dahmer, recortamos para análise 17 tirinhas que continham uma construção com o verbo *ter* na ordem VS. André Dahmer, nascido no Rio de Janeiro em 14 de setembro de 1974, é um cartunista brasileiro conhecido por suas tirinhas de humor ácido e crítica social. Em suas produções, o artista utiliza traço simples e um formato de tiras curtas para explorar, de maneira sarcástica e mordaz, as contradições do cotidiano, os vícios da sociedade contemporânea e as hipocrisias presentes nas relações humanas. Suas tirinhas não seguem uma linha cronológica fixa, permitindo que os diálogos sejam atemporais e se adaptem a diferentes contextos. Como parte de sua técnica, o cartunista reutiliza modelos digitais dos personagens, alterando pequenos detalhes, como a posição dos braços dos personagens ou expressões faciais, para reforçar a repetição mecânica das interações humanas e a monotonia da vida moderna. Seu trabalho, não apenas de caráter humorístico, provoca reflexões ao escancarar, de forma muitas vezes incômoda, as fragilidades e incoerências do comportamento humano e das estruturas sociais.

A escolha pelas tirinhas se deve ao fato de apresentarem enunciados curtos e frequentemente explorarem a introdução de novas entidades na interação discursiva. Embora não proponhamos aqui uma análise das multimodalidades e das multissemioses desse gênero, tomamos as tirinhas como objeto de análise para investigar o uso das construções VS com o verbo *ter*, visto que, geralmente, esse tipo de análise fica relegado somente a outros gêneros discursivos. Isso nos permite observar como as construções com o verbo *ter* contribuem para a organização da informação em diferentes gêneros.

Quanto à organização deste trabalho, iniciamos com a fundamentação teórica, apresentando os principais conceitos da Semântica de Frames e da CAA, além de suas aplicações na análise linguística. Em seguida, realizamos a análise e a discussão dos dados, destacando os padrões identificados e sua relação com a CAA. Na sequência, dedicamos atenção aos usos encontrados que nos geraram algumas inquietações. Logo após, indicamos uma proposta de análise construcional (Croft, 2022) que congrega duas categorias discutidas na pesquisa linguística: a noção de existência e a noção de posse. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2 Análises à luz da Semântica de Frames

A Semântica de Frames, proposta por Charles Fillmore (1982, 1985, 2009), é um modelo teórico que redefine a compreensão do significado linguístico ao vinculá-lo a estruturas cognitivas associadas à experiência e à cultura. Essa abordagem considera o significado das construções gramaticais não como entidades isoladas, mas como componentes de um sistema organizado de conhecimento, denominado “frame” (Fillmore, 2009), que pode caracterizar categorias lexicais, sintáticas e semânticas (Fillmore *et al.*, 2003).

Basicamente, um frame pode ser entendido como uma esquematização conceitual que reúne elementos interconectados, necessários para interpretar palavras ou expressões. Fillmore (2006, p. 373) define frame como “Um sistema de conceitos relacionados de tal maneira que, para entender qualquer um deles, é preciso compreender toda a estrutura na qual ele se encaixa”.

Essa estrutura é formada a partir da vivência e da experimentação humana, armazenada na memória de longo prazo — é nesse sentido que a teoria nega, por exemplo, as listas de condições necessárias e as análises componenciais, como se palavras específicas correspondessem a conceitos idênticos na mente dos falantes (Ferrari, 2011, p. 53).

Por exemplo, o frame de *Evento Comercial* engloba conceitos como vendedor, comprador, mercadoria e valor. Verbos como *comprar*, *vender* e *pagar* evocam esse frame, mas destacam diferentes aspectos dele: *comprar* enfatiza o comprador e a mercadoria; *vender*, o vendedor e a mercadoria; *pagar*, o comprador, o valor e a mercadoria (Ferrari, 2011, p. 51). Assim, o frame não apenas organiza os elementos temáticos, mas também define as relações entre eles e as valências dos verbos envolvidos, uma vez que os elementos de frame são os argumentos dentro de uma sentença e possibilitam a sua relação com as palavras de uma construção.

Na perspectiva cognitiva da linguística, níveis linguísticos como a semântica e a pragmática deixam de ser negligenciados, assumindo um papel central na análise. Essa abordagem teórica enfatiza que o conhecimento é de natureza enciclopédica, integrando diversos domínios e experiências. Assim, a Semântica de Frames também se diferencia por adotar o conceito de significado enciclopédico, enfatizando que o significado de uma palavra está relacionado a conhecimentos convencionais derivados da experiência cultural (Fillmore, 2006). Isso implica, por exemplo, que a interpretação de um lexema depende do frame evocado no contexto discursivo: o lexema *carne*, em português, é interpretado de forma abrangente, enquanto no inglês, lexemas como *flesh* e *meat* evocam frames distintos — o primeiro ligado à anatomia e o segundo à culinária (Ferrari, 2011, p. 52). Essa relativização ao frame explica, por exemplo, por que termos que denotam fenômenos semelhantes em diferentes línguas ou contextos culturais podem destacar aspectos diversos. Portanto, o modelo desafia a visão tradicional que associa palavras a conceitos fixos e universais, argumentando que o significado é dinâmico e relacional.

Essa breve introdução à teoria da Semântica de Frames serve para nos situarmos em relação a dois trabalhos produzidos acerca da ordem VS (verbo-sujeito) no

Português Brasileiro: Pinheiro e Ferrari (2015) e Costa (2018). O primeiro propõe que a ordem VS do PB é uma construção gramatical (mais especificadamente, construção de *marcação de foco identificacional*) que está vinculada a uma especificação semântica de um *gestalt*² experiencial, denominado *Cena de Alocação da Atenção*; já o segundo propõe, especificadamente, que a *construção existencial* do PB está vinculada a um *design*³ morfossintático evocado por uma cena conceptual/perceptiva (um frame) denominada de *Estado de Existência*. Detalharemos, a seguir, a proposta de cada um desses trabalhos.

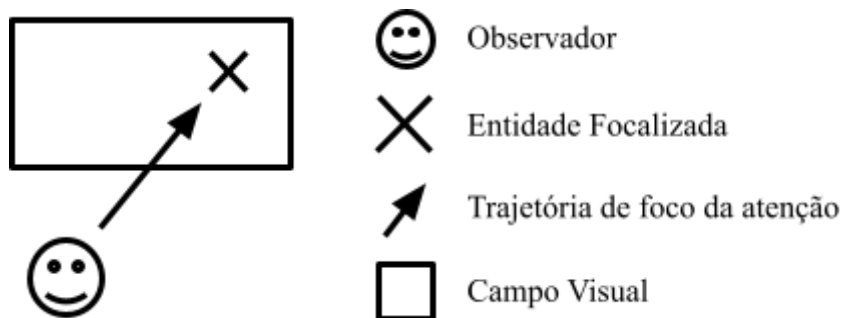
Como explicado, Pinheiro e Ferrari (2011) propõem que a configuração VS está associada a uma representação semântica específica, denominada *Cena de Alocação da Atenção* (CAA). Essa construção é analisada dentro da perspectiva da semântica cognitiva, que enfatiza a maneira como o falante conceptualiza o mundo ao seu redor, em vez de se concentrar apenas na realidade objetiva. Assim, para descrever o polo semântico da construção VS, os autores consideram dois aspectos fundamentais: (i) a cena conceptual evocada pela construção, que se refere às propriedades do objeto conceptualizado; e (ii) a forma como essa cena é construída pelo sujeito da enunciação, ou seja, as estratégias cognitivas envolvidas na sua percepção e interpretação.

Em relação a (i), a cena conceptual evocada pela construção, os linguistas explicam que a CAA é concebida como um frame — no sentido de Fillmore (1982) — que, como indicamos, é definido como um sistema de elementos inter-relacionados cuja compreensão depende do conjunto como um todo. Seus principais componentes são o *Observador*, que representa o sujeito cognoscente que testemunha uma cena, o *Campo Visual* (CV), que corresponde ao horizonte de consciência disponível para o Observador em um dado momento, e a *Entidade Focalizada* (EF), que é o elemento que recebe a atenção desse sujeito. Segundo Pinheiro e Ferrari (2011), o processo descrito pela CAA envolve uma mudança dinâmica na atenção do Observador, na qual uma entidade inicialmente ausente do seu Campo Visual ingressa nesse espaço e se torna o foco de sua atenção. A Figura 1, abaixo, ilustra a CAA.

² O conceito de *gestalt*, originado da psicologia da percepção, propõe que a organização dos elementos em uma unidade é o que lhes confere significado. Assim, na linguagem, as construções não são percebidas isoladamente, mas como partes interconectadas de um sistema maior. Nesse sentido, Lakoff (1987) argumenta que as estruturas linguísticas são organizadas em *gestalts experienciais*, ou seja, padrões globais que interligam diferentes domínios da experiência humana.

³ Nesse estudo, o termo *design* é entendido como a configuração morfossintática mais elementar da sentença.

Figura 1 — Cena de Alocação da Atenção



Fonte: Pinheiro e Ferrari (2011, p. 291).

Os autores ilustram essa dinâmica com exemplos extraídos de dados de linguagem natural, mostrando como a construção VS reflete o ingresso de uma entidade no horizonte perceptual do falante ou de um personagem na narrativa. Em um dos exemplos, a expressão “daqui a pouco entrou esse tal de Marcelo” demonstra como a construção VS marca a entrada de uma nova entidade no Campo Visual do Observador, resultando na alocação de sua atenção. Esse mesmo princípio é aplicado a situações em que o sujeito da construção se refere a uma entidade desconhecida ou genérica, como em “caiu alguma coisa”, em que a atenção do falante é atraída por um som inesperado, confirmando o papel da construção VS na introdução de novas entidades no discurso.

Além disso, os autores destacam que, embora a análise utilize o domínio visual como referência, a interpretação da CAA pode se estender a outras modalidades sensoriais, como a audição, ou até mesmo a domínios abstratos, por meio de projeções metafóricas. Dessa forma, a construção VS não apenas descreve eventos perceptíveis, mas também configurações cognitivas mais amplas relacionadas à atenção e à introdução de novas informações no discurso.

Definida a cena conceptual evocada pela construção, Pinheiro e Ferrari (2011) afirmam que, em relação a (ii), a forma como essa cena é construída pelo sujeito da enunciação deve ser analisada à luz do conceito de *construal*⁴ que, na construção em foco, envolve as dimensões de proeminência e perspectiva (Langacker, 2008).

A dimensão de proeminência está relacionada ao grau de saliência cognitiva atribuído aos elementos de uma estrutura conceptual. Assim, os autores explicam que, enquanto uma construção gramatical evoca um frame complexo, ela perfila apenas uma subparte desse frame. Na abordagem de Langacker (2008), o sistema complexo é denominado *base*, enquanto sua porção saliente corresponde ao *perfil*. Portanto, Pinheiro e Ferrari (2011) indicam que, na construção VS, o único elemento perfilado é a EF (o sintagma nominal), que ocupa o *slot* sintático disponível. Outros elementos do frame, como o Observador e o CV, não são codificados linguisticamente, devendo ser recuperados discursivamente, interpretados de forma dêitica ou inferidos pelo conhecimento de mundo do interlocutor. Por exemplo, em sentenças como “entrou o Marcelo”, a construção evoca um evento de movimento em que um Observador percebe a entrada de Marcelo em seu CV. Contudo, nem o Observador nem o CV são

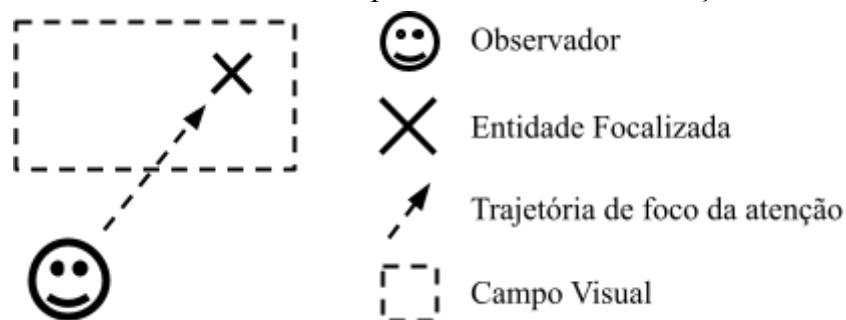
⁴ O conceito de *construal* está relacionado às diferentes maneiras com que uma mesma cena objetiva pode ser construída pelo falante (Langacker, 2008).

representados explicitamente: o primeiro é inferido discursivamente e o segundo, pelo contexto.

Dessa forma, a construção VS destaca um evento de percepção, mas mantém elementos como o Observador e o CV no *background* conceptual. Isso reforça o caráter relacional e não absoluto da significação (que afirmamos no início desta seção), pois a análise só se completa ao considerar tanto os elementos expressos quanto os pressupostos pelo frame evocado. Logo, o estudo de Pinheiro e Ferrari (2011) evidencia que as informações pressupostas têm papel essencial para compreender a distribuição e a aceitabilidade de construções VS no PB.

Em relação à dimensão da perspectiva adotada na conceptualização do evento, os linguistas partem do pressuposto de que toda enunciação ocorre dentro de um contexto interacional — envolvendo um falante e pelo menos um ouvinte —, e de que o falante pode construir a cena discursiva sob diferentes pontos de vista. Ainda, os autores argumentam que a construção VS é tipicamente associada à perspectiva de um Observador, ou seja, de um sujeito cognoscente que participou diretamente do evento narrado, funcionando como uma “testemunha ocular”. Logo, a CAA é conceptualizada a partir do ponto de vista único desse Observador que possui conhecimento e que está presente no local em questão. A Figura 2, abaixo, ilustra a proposta dos autores ampliada.

Figura 2 — Proeminência e Perspectiva da Cena de Alocação da Atenção



Fonte: Pinheiro e Ferrari (2011, p. 295).

A ampliação da Figura 1 para a Figura 2, acima, busca: (i) capturar a diferença entre elementos perfilados e pressupostos por meio de linhas cheias, que representam o elemento perfilado (a EF), e por meio de linhas pontilhadas, que representam os elementos pressupostos (o Observador, a Trajetória e o CV); (ii) indicar que o evento narrado é construído sob a perspectiva do Observador cognoscente *in loco*, por meio de linhas mais espessas. Representam (i) e (ii), respectivamente, a dimensão de proeminência e a dimensão de perspectiva do *construal*.

Pinheiro e Ferrari (2011, p. 295) ainda acrescentam que, além de construir o evento em seu próprio ponto de vista, o falante “pode, alternativamente, ‘terceirizar’ o ponto de vista, construindo-o sob a ótica de alguém que o tenha testemunhado diretamente (isto é, um Observador)”. Para exemplificação, os autores analisam um trecho narrativo do corpus D&G no qual um informante descreve um evento ocorrido com um motorista, denominado Alexandre, que sofreu um acidente de carro.

Inicialmente, o informante, ao narrar o evento, coloca-se no ponto de vista do Observador (Alexandre), permitindo ao ouvinte visualizar o acontecimento pela perspectiva do próprio Observador:

O Alexandre pegou o carro dele e foi... [...] quando ele virou pra esquerda pra cruzar a Conde de Bonfim... [...] *vinha um táxi correndo pra caramba...* e bateu...

Assim, a estrutura VS reflete essa perspectiva, reforçando a ideia de que a construção é usada para representar eventos sob o ponto de vista de um Observador direto da situação. Entretanto, posteriormente, no trecho narrativo, o informante e o entrevistador argumentam sobre o acidente. Nesse momento, o informante se utiliza da ordem sujeito-verbo (SV) para argumentar em favor de Alexandre. Portanto, a responsabilidade pela construção do evento passa a ser do próprio informante:

Não... ele estava errado... mas *o táxi veio cortando pela contramão também...* o cara do táxi que estava mais errado do que ele ainda...

Logo, a aceitação ou rejeição da ordem VS depende do enquadramento pragmático da sentença e das pistas contextuais que orientam a interpretação do ouvinte. Quando a perspectiva do falante prevalece sobre a do Observador, a inversão do sujeito se torna inadequada, pois gera um conflito entre as pistas sintáticas e as expectativas pragmáticas do discurso.

Pinheiro e Ferrari (2015, p. 297), tratando da relação verbo-construção, explicam que, embora muitos estudos associem essa inversão com a inacusatividade verbal, essa relação não é exclusiva e pode ocorrer também com outros tipos de verbos, como inergativos e até transitivos. Assim, discussões projecionistas dos verbos não são relevantes para a proposta, uma vez que a inversão do sujeito na construção VS está relacionada à possibilidade de o sujeito ser entendido como uma EF, o que implica que um evento de alocação de atenção seja gerado. Logo, a inversão do sujeito não é simplesmente um fenômeno sintático relacionado à inacusatividade, mas resulta de um mecanismo semântico-pragmático. Isso se reflete na maior flexibilidade da construção VS com verbos que envolvem um observador ou experiência perceptual, como os verbos de aparição (*apareceu um fantasma*), de movimento (*entrou uma mariposa*), e de mudança de estado (*na volta foi tudo tranquilo*). Mesmo verbos como *estar*, que por si só não evocam a ideia de alocação de atenção, podem se conformar à construção VS quando o contexto discursivo oferece um observador, como nos exemplos “está aqui a solução” ou “estava a rua toda cheia de sangue”. Portanto, a inversão verbo-sujeito é vista como uma consequência de um evento em que a atenção do Observador é atraída para uma entidade que surge ou se modifica no ambiente perceptual do Observador.

Pinheiro e Ferrari (2015), entretanto, não fazem referência à *construção existencial* do PB enquanto uma construção de *marcação de foco identificacional*⁵. No intuito de integrar dois trabalhos que não fazem referência entre si, este artigo busca

⁵ Os autores somente se referem ao trabalho de Duarte (2003), que insere os verbos de existência na “família de construções inacusativas”.

correlacionar a proposta de Pinheiro e Ferrari (2015) com o estudo de Costa (2018) sobre a *construção existencial*, a qual também apresenta a ordem VS.

A proposta de Costa (2018) também se baseia na Semântica de Frames de Fillmore (1982). A partir dessa perspectiva, *construções existenciais*, como exemplificado nos enunciados “há vagas!” ou “tem um jeito novo de fazer mudanças!”, acessam o frame semântico do ESTADO de EXISTÊNCIA. O autor explica que, nessa cena conceptual, a percepção do observador, em geral, é voltada para o ente focalizado, enquanto a configuração do verbo, como o uso do presente do indicativo, transmite uma sensação de estabilidade ou permanência da existência. Além disso, o aspecto temporal é configurado no “agora” do evento.

A cena ESTADO de EXISTÊNCIA é descrita por Costa (2018) como um esquema cognitivo que envolve a percepção de um ente dentro de um determinado contexto espacial-temporal, acessado por expressões linguísticas como um locativo-temporal. A presença de um locativo-temporal é fundamental para a marcação de existência em enunciados como “há 7 anos não falo com Faustão” ou “tem uma cidadezinha aqui perto!”. Nesse sentido, segundo o autor, a impessoalidade, observada em algumas *construções existenciais*, não é uma estratégia de neutralização discursiva, mas sim uma forma de deslocar a atenção para o objeto focalizado, permitindo que a existência de algo seja afirmada sem a necessidade de um sujeito explícito.

No trabalho de Costa (2018), o ESTADO de EXISTÊNCIA é descrito como uma construção linguística que reflete uma cena cognitiva, envolvendo o *Observador*, o *Campo Visual*, a *Entidade Focalizada* e o *Fluxo de Atenção*. Esses componentes colaboram para construir o significado de sentenças existenciais, que, segundo o autor, frequentemente são marcadas por verbos como *haver*, *ter* ou *existir*. Mais especificadamente, nesse frame o Observador é o ponto de referência da cena, enquanto a Entidade Focalizada é o elemento em foco, e o Fluxo de Atenção direciona a percepção para ela. Costa (2018) argumenta que a *construção existencial* não é apenas impessoal, mas depende de um conhecimento compartilhado entre os interlocutores e de uma construção locativo-temporal que situa a cena no espaço e no tempo.

Ainda, segundo o linguista, na *construção existencial*, a inferência recai sobre o ente focalizado, com base no conhecimento compartilhado entre o locutor e o interlocutor, e no compartilhamento da rede de significados que envolve o conhecimento cultural e contextual. Logo, o significado dessa construção vai além do que está diretamente codificado na forma linguística.

Ao analisar os dois trabalhos, notamos que, em termos de semelhanças, ambas as propostas se baseiam na Semântica de Frames (Fillmore, 1982, 1985, 2009) e consideram a relação entre o verbo e o complemento no contexto de uma cena cognitiva que orienta a focalização de uma entidade. Ambas também destacam o papel do Observador e o fluxo de atenção como componentes essenciais para a construção do significado. Os componentes da CAA, propostos por Pinheiro e Ferrari (2015) — Observador, EF, Trajetória do foco de atenção e CV —, são, respectivamente, cognatos aos componentes do frame de ESTADO de EXISTÊNCIA, proposto por Costa (2018) — Observador, EF, Fluxo de atenção e CV.

No entanto, as propostas se diferenciam no tipo de frame semântico que

associam à construção VS. Enquanto Pinheiro e Ferrari (2015) vinculam a construção VS à *Cena de Alocação da Atenção*, focando na introdução de uma entidade no campo perceptual do Observador, Costa (2018) associa a construção VS ao ESTADO de EXISTÊNCIA, enfatizando a percepção de permanência ou estabilidade da existência de um objeto⁶. Além disso, os primeiros discutem a flexibilidade da construção VS com diferentes tipos de verbos, enquanto o segundo destaca a importância de verbos como *haver*, *ter* e *existir* para a construção do estado de existência.

A análise de Pinheiro e Ferrari (2015) se concentra mais na dinâmica de perspectiva e proeminência, enquanto Costa (2018) enfoca a impessoalidade como uma estratégia discursiva para deslocar a atenção para o objeto existencial. Assim, os primeiros autores também se concentram no papel discursivo-funcional da construção VS no contexto da alocação de atenção e na mudança de foco de percepção do Observador. Eles interpretam a construção VS como parte de uma dinâmica discursiva em que o Observador, que ocupa uma posição proeminente, funcionando como o centro da atenção no discurso, marca o foco identificacional no discurso. Por outro lado, a análise de Costa (2018) se preocupa com o estado de coisas que são representados pela construção, pois enfoca o significado subjacente da *construção existencial* no PB⁷. Nessa abordagem, o autor se concentra em como essa construção VS reflete um estado de existência, destacando a permanência de algo no contexto. Como ele mesmo explica:

Nesse frame, há a constatação da existência de algo pelo Observador, não mantendo nenhum compromisso ontológico, ou seja, se existe ou não na realidade objetiva, afinal é conceptualizado/percebido por ele (Costa, 2018, p. 70).

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que tanto Pinheiro e Ferrari (2015) quanto Costa (2018) reconhecem que as construções VS e a *construção existencial* ativam um frame composto pelos elementos Observador, Entidade Focalizada, Trajetória do Foco de Atenção e Campo Visual. No entanto, adotamos a perspectiva de Pinheiro e Ferrari (2015), uma vez que o frame de *Cena de Alocação de Atenção* apresenta maior abrangência, pois se aplica a diversas construções VS do PB, incluindo a construção com o verbo *ter*, que constitui o foco de nossa análise.

Assim, na próxima seção, analisaremos, à luz do frame de *Cena de Alocação de Atenção*, diferentes construções empregadas em tirinhas do cartunista André Dahmer que apresentam o verbo *ter* em uma construção de ordem VS.

3 Análise e discussão: a função de focalização do verbo *ter*

Propomos, nesta seção, a análise de construções com o verbo *ter* em um

⁶ O autor explica que o sentido prototípico de existência remete à noção etimológica da palavra. Em suas palavras, ‘existencia’ significa o que se mantém, o que permanece, o que é fora (ex) de alguma coisa (Costa, 2018, p. 67–68).

⁷ Na verdade, Costa (2018) também detém parte da sua análise para a função discursivo-funcional da construção existencial. O autor afirma que essa construção “insere ou retoma um objeto de discurso no enunciado” (p. 81). No entanto, como explicaremos na quinta seção deste trabalho, essa noção se torna um pouco confusa.

conjunto de 12 tirinhas. Para este artigo, no entanto, selecionamos seis exemplos ilustrativos dessas ocorrências.

Figura 3 — Tirinha de André Dahmer



Fonte: https://caio.ueberalles.net/pdf_dos_malvados.pdf. Acesso em: 16 ago 2024.

Na tirinha representada na Figura 3, acima, a construção “tem um otário nos espiando, querida...” indica a emergência de uma nova entidade referencial no discurso. Nesse sentido, a construção emerge do frame de *Cena de Alocação de Atenção*, pois:

Em um primeiro momento, uma dada entidade não está presente no CV do Observador; em um segundo momento, essa entidade ingressa no CV do Observador, que irá então alocar sobre ela seus recursos de atenção. Como resultado, essa entidade se torna uma EF (Pinheiro; Ferrari, 2015, p. 291).

Assim, é apenas em um segundo momento que o componente Observador (o roedor) nota a entidade (referida como “otário”) no seu Campo Visual. Logo, essa entidade se torna focalizada.

Pezatti (1993, p. 162) propõe que “o falante seleciona o verbo de acordo com o que deseja trazer em cena”. Portanto, segundo a linguista, em uma construção VS, o falante utiliza um verbo não-existencial se deseja expressar uma ideia de ação, processo ou estado⁸ não-existencial. É nesse caso que se enquadram os diferentes verbos indicados por Pinheiro e Ferrari (2015) no tipo de construção que eles denominam de construção de *marcação de foco identificacional*: verbos de aparição (como *aparecer*), verbos locativos (como *estar*), verbos de movimento (como *entrar*), verbos de mudança de estado (como *furar*), verbos sensoriais (como *bater* e *tocar*), verbos de ação (como *começar* e *bater*)⁹.

Por outro lado, caso o falante deseje indicar a emergência ou a existência positiva ou negativa de uma entidade, ele opta por um verbo existencial (Pezatti, 1993).

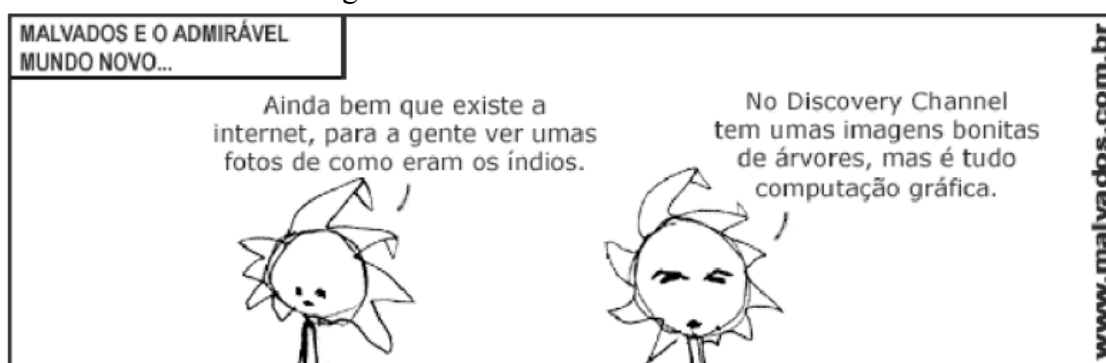
⁸ Segundo Neves (2011, p. 25-26), *ação, processo* e *estado* são subclassificações semânticas de verbos. Verbos de ação representam “o que alguém faz ou o que algo provoca”, como *sapatear, cantar* e *abrir*; verbos de processo representam “o que acontece”, como *florescer, morrer* e *adoecer*; e verbos de estado representam uma condição ou situação estática, como *permanecer* e *existir*.

⁹ Os autores exemplificam cada um dos verbos indicados a partir de análise em corpora. Reescrevo os exemplos aqui: “apareceu dois garotos”, “tá aqui a solução”, “entrou uma mariposa”, “furo o pneu”, “aí bateu o sinal”, “tocou o telefone”, “começou a correr gente pra esquina” e “bateu uma amiga minha lá na porta”.

É nesse tipo de uso que se insere a construção destacada para análise na tirinha da Figura 3: “tem um otário nos espiando, querida...”. Nesse uso, o Observador indica a emergência de um referente na cena a partir do frame de *Cena de Alocação de Atenção* com um verbo existencial.

De maneira semelhante, propomos que essa análise também seja aplicada à tirinha representada na Figura 4, abaixo.

Figura 4 — Tirinha de André Dahmer.



Fonte: https://caio.ueberalles.net/pdf_dos_malvados.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

Na construção “no Discovery Channel tem umas imagens bonitas de árvores”, há, em um primeiro momento, uma entidade que não está presente no Campo Visual do Observador (o segundo girassol ilustrado no quadrinho). Em um segundo momento, essa entidade ingressa no Campo Visual desse Observador, que irá então alocar sobre ela seus recursos de atenção. Assim, a construção com o verbo existencial *ter* indica a emergência de uma entidade no discurso que se torna focalizada (EF) — no caso em análise, as imagens bonitas de árvores. Logo, essa construção emerge do frame de *Cena de Alocação de Atenção*.

Além disso, na construção analisada, além da EF, o Campo Visual da CAA também é perfilado através do uso de uma expressão locativa: “no Discovery Channel”. Como destaca Costa (2018), esse tipo de expressão é característico da *construção existencial*.

Figura 5 — Tirinha de André Dahmer



Fonte: https://caio.ueberalles.net/pdf_dos_malvados.pdf. Acesso em: 16/08/2024.

Na tirinha apresentada na Figura 5, acima, a construção “tem de ricota com frango e salada de atum” indica a existência de uma entidade no discurso. Essa construção faz referência à cena em que uma pessoa, ao pedir um alimento, quer ou necessita saber quais os recheios disponíveis para seu pedido. Nesse sentido, o uso do verbo *ter* na construção, faz referência à existência positiva (que, nessa situação, facilmente poderia ser negativa, caso não haja algum recheio) de uma entidade focalizada.

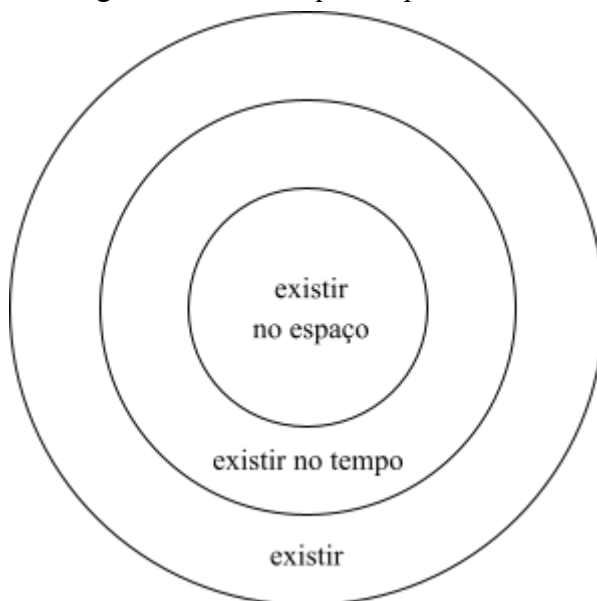
Assim, também defendemos que a *Cena de Alocação de Atenção* é o frame responsável por esse uso. Dentro de um Campo Visual, o componente Observador restringe o foco de sua atenção para uma Entidade Focalizada, o recheio disponível.

Em nossa proposta, todos esses usos analisados nas três tirinhas anteriores representam o uso mais prototípico¹⁰ da *Cena de Alocação de Atenção*: um Observador torna uma Entidade que não estava presente no Campo Visual focalizada (Pinheiro; Ferrari, 2015). Defendemos que a diferença entre usos mais prototípicos e menos prototípicos dessa cena pode ser estabelecida a partir da *hierarquia implicacional* proposta por Givón (2018), que organiza os usos nominais em termos de concretude.

A proposta apresentada por Givón (2018) explora a relação entre linguagem, ontologia e a forma como as entidades refletem um “universo semântico” construído a partir de uma *hierarquia implicacional*. Essa hierarquia organiza as entidades nominais de acordo com seu grau de abstração, estabelecendo três classificações principais: *concreto*, *temporal* e *abstrato*. Givón (2018, p. 235) sugere que essas categorias correspondem, respectivamente, a *existir no espaço*, *existir no tempo* e *existir*, criando uma progressão de maior para menor concretude. Segundo o linguista, a relação hierárquica-implicacional desses três atributos gerais das entidades nominais pode ser representada como um Diagrama de Venn com inclusões sucessivas. Ilustramos esse diagrama na Figura 6, abaixo.

¹⁰Neste contexto, consideramos protótipo como o elemento que reúne as características mais representativas de uma categoria, sendo seu exemplo mais típico. As categorias organizam-se em torno de membros mais centrais, que compartilham diversas propriedades com o protótipo, e membros mais periféricos, que exibem menos semelhanças com esse modelo categorial (Geeraerts, 2006). Essa noção vem da Teoria dos Protótipos, adotada por pesquisas na área da Linguística Cognitiva (Ferrari, 2010).

Figura 6 — Hierarquia implicacional



Fonte: Givón (2018, p. 235, tradução nossa).

Givón (2018), então, propõe que as línguas naturais oferecem evidências para a existência de uma *hierarquia implicacional* que organiza os substantivos com base em três categorias semânticas gerais: concretude, temporalidade e abstração. O diagrama na Figura 6 indica que essa hierarquia pode ser resumida em três níveis principais: (i) entidades que *existem no espaço* também *existem no tempo* e *existem*; (ii) entidades que *existem no tempo* necessariamente *existem*, mas não precisam *existir no espaço*; e (iii) entidades abstratas que apenas *existem*. A relação entre esses níveis é hierárquica e inclusiva: tudo o que é concreto é temporal e abstrato, mas nem tudo que é abstrato é temporal ou concreto. O termo “abstrato” aqui é empregado no sentido de que uma entidade simplesmente “existe”. Assim, ao afirmar que tudo o que é concreto é temporal e abstrato, Givón (2018) define, por exemplo, que “se uma *cadeira* existe no espaço, ela também existe no tempo, logo, também existe” (p. 235). Por outro lado, com a afirmação de que nem tudo que é abstrato é temporal e concreto, o autor explica que “um evento ou estado como *a vitória deles*, *a celebração* ou *ontem* existe no tempo e, portanto, existe” e “noções abstratas como *serendipidade*, *amor* ou *liberdade* existem, mas nem no tempo e nem no espaço” (p. 235).

Segundo o linguista, essa hierarquia tem implicações significativas para a maneira como diferentes tipos de entidades nominais interagem com predicções. Por exemplo, predicados como “é igual”, “é diferente” ou “é importante” podem ser aplicados a substantivos concretos, temporais ou abstratos¹¹. No entanto, predicados como “aconteceu na semana passada” são compatíveis apenas com substantivos temporais¹², enquanto predicados como “começa aqui e termina ali” podem ser

¹¹ Por exemplo, “*Esta cadeira é igual àquela*”, “*O prazo é igual ao do ano passado*” e “*A sua ideia é igual à minha*”.

¹² Por exemplo, “*A celebração aconteceu na semana passada*”.

aplicados tanto a substantivos concretos quanto temporais, mas não abstratos¹³. Essa distribuição mostra como as categorias semânticas restringem ou permitem determinadas combinações linguísticas.

Além disso, o linguista argumenta que a *hierarquia implicacional* também é evidente nos processos diacrônicos de mudança semântica. Por exemplo, conceitos espaciais frequentemente se transformam em temporais, e estes, por sua vez, em abstratos, mas o movimento inverso é raro. Isso pode ser observado no caso de verbos locativos que se tornam operadores temporais, como no espanhol e, até mesmo, no PB, em que “estar” retém sentidos concretos e temporais (“ela está em casa”, “ela está celebrando”), enquanto “ser” é reservado para sentidos abstratos (“ela é professora”)¹⁴.

Como explicado, para Givón (2018), construções que expressam entidades concretas — ou seja, que *existem no espaço* — estão no nível mais concreto da hierarquia, sendo as mais acessíveis cognitivamente e mais diretamente conectadas ao mundo físico. Partindo desse pressuposto, defendemos que, na análise das construções com o verbo *ter* nas tirinhas indicadas anteriormente, aquele uso é o mais prototípico da *Cena de Alocação de Atenção*.

Assim, construções como “tem um otário nos espiando”, “tem umas imagens bonitas de árvores” e “tem de ricota com frango e salada de atum” são os exemplos mais prototípicos desse frame. Isso ocorre porque essas construções envolvem entidades concretas que estão sendo alocadas no Campo Visual do Observador, em um contexto imediato e espacialmente definido. Logo, essas construções estão alinhadas à noção de *existir no espaço* descrita por Givón (2018), uma vez que as entidades mencionadas são perceptíveis, materialmente identificáveis e situadas no mundo físico.

No entanto, defendemos que há usos menos prototípicos dessa cena. Construções como “tinha o Neves, um gerente viciado em jogo” e “tem uma leitora pedindo exame de paternidade na justiça”, a serem analisadas nas tirinhas a seguir, apresentam um grau menor de concretude. Essas frases correspondem ao nível de *existir no tempo* ou até mesmo ao de simplesmente *existir* na *hierarquia implicacional* de Givón (2018). Sendo assim, elas não fazem referência à existência de uma entidade nominal em um espaço concreto, físico.

¹³Por exemplo, “*A estrada começa em SP e termina no Rio*” e “*A viagem começa no dia 10 e termina no dia 15*”. Um parecerista levantou a possibilidade de uma construção como “Minhas ideias para o projeto começam aqui e terminam ali”. Embora seja importante que o recorte dessa análise seja evidenciado em situações retiradas diretamente do uso linguístico, a proposta dessa construção pode ser explicada por meio de uma projeção metafórica, na qual a “ideia” é compreendida metaforicamente como uma “trajetória” ou como uma dimensão temporal e espacial.

¹⁴Essa hierarquia de concretude também reflete a tendência de verbos, como “ir” ou “vir”, serem semanticamente desgastados e assumirem funções gramaticais, como marcadores de tempo, aspecto ou modalidade. Assim, a implicação de Givón (2018) é que as categorias semânticas fundamentais organizam não apenas entidades nominais, mas também os processos de mudança gramatical nas línguas naturais.

Figura 7 — Tirinha de André Dahmer



Fonte: https://caio.ueberalles.net/pdf_dos_malvados.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

Na construção “tinha o Neves, um gerente viciado em jogo”, indicada na Figura 7, acima, o narrador da tirinha indica a emergência de uma nova entidade no discurso. Na verdade, nessa mesma construção, ele insere três entidades: “Tinha o Neves, um gerente viciado em jogo... e o Mota, que trabalhava chapado de prozac... e ainda o Antunes, o chefe dependente de carinho”. Nesse uso, a ordem VS com o verbo *ter* também emerge da *Cena de Alocação de Atenção*: em um primeiro momento, uma dada entidade não está presente no discurso (entendido aqui como Campo Visual) do narrador (entendido aqui como o Observador); em um segundo momento, essa entidade ingressa no discurso do Observador, que irá então alocar sobre ela seus recursos de atenção. Assim, o narrador apresenta três entidades: Neves, Mota e Antunes (entendidos aqui como Entidades Focalizadas). Numa *hierarquia implicacional* (Givón, 2018), essa construção representa o ponto mais abstrato, o *existir*, sem fazer referência a *existir no espaço* e a *existir no tempo*¹⁵.

Considerar o componente do Campo Visual como o próprio discurso ou o Observador como o narrador do discurso pode parecer estranho se levarmos em conta a aceção literal dos termos “campo visual” e “observador”. No entanto, como explicam Pinheiro e Ferrari (2015):

Como é praxe na tradição da semântica cognitiva, em especial nas vertentes de Leonard Talmy e Ronald Langacker, recorremos ao domínio visual apenas como ponto de partida. Nesse sentido, nem sempre a palavra “Observador” será empregada em sua aceção literal. Às vezes, a sentença VS evoca uma percepção baseada em outro domínio sensorial (por exemplo, a audição), de maneira que o termo deverá ser interpretado metonimicamente. Em outros casos, temos um espaço abstrato (não sensorial), envolvendo, portanto, uma projeção metafórica (p. 291).

¹⁵Um parecerista levantou a questão de que, em relação ao título acima da tirinha, “Caderno 3 — Sociedade”, é possível inferir que o “espaço”, embora menos concreto, pode ser interpretado como a “sociedade”. No entanto, vale destacar que esse título é apenas o nome da seção em que as tirinhas que o autor classifica sob a categoria “sociedade” estão inseridas. Dessa forma, nossa análise se restringiu exclusivamente às construções presentes nos quadros — embora acreditemos ser viável sugerir que, nesse uso, a sociedade, de maneira metafórica, possa representar o “espaço” (noção que, independentemente, como o próprio parecerista aponta, permanece, de fato, mais abstrata e menos concreta).

Assim, as projeções metonímicas e metafóricas alinhadas à *hierarquia implicacional* (Givón, 2018) dão conta de explicar esse uso menos prototípico da *Cena de Alocação de Atenção*. Ou seja, enquanto algumas construções com o verbo *ter* se referem à existência de uma entidade de maneira concreta (como objetos ou pessoas no espaço físico), outras, como a que envolve “tinha o Neves”, são mais abstratas, referindo-se à existência de entidades em um tempo ou até mesmo apenas à existência de algo, sem um vínculo claro com o espaço físico. Nesse sentido, as projeções metonímicas e metafóricas referem-se à capacidade de expandir os conceitos de Campo Visual e Observador para além da percepção sensorial direta, aplicando-os de forma mais ampla ao discurso e às representações cognitivas das entidades, o que possibilita o uso menos prototípico dessa construção. Isso permite explicar o uso do verbo *ter* na construção VS em contextos em que o falante deseja indicar a emergência ou a existência positiva ou negativa de entidades menos concretas e mais abstratas.

Acreditamos que esta mesma análise pode ser estendida para as tirinhas indicadas nas Figuras 8 e 9, analisadas a seguir.

Figura 8 — Tirinha de André Dahmer



Fonte: https://caio.ueberalles.net/pdf_dos_malvados.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

Na construção com o verbo *ter*, no primeiro quadrinho da tirinha apresentada, acima, na Figura 8, o Observador também direciona seu foco de atenção para uma Entidade Focalizada, indicando a emergência de uma entidade no discurso: a leitora que pede exame de paternidade na justiça. Assim, a construção com o verbo *ter* é utilizada para o ingresso de uma Entidade Focalizada pelo Observador: “*tem* uma leitora pedindo exame de paternidade na justiça”.

Neste caso, a construção parte de uma projeção metafórica para representar a emergência de uma Entidade Focalizada (a leitora). Ao utilizar o verbo *ter* para indicar a presença de uma leitora que pede exame de paternidade, a construção, metaforicamente, projeta a leitora como uma entidade que simplesmente “existe”, ocupando o polo mais abstrato da *hierarquia implicacional*. Logo, o uso da construção com o verbo *ter* neste caso não visa indicar a existência física de uma entidade, mas sim ressaltar a presença abstrata da leitora no contexto da interação, destacando-a como a figura central a ser observada e comentada — compare à construção “tem um otário nos espiando”, que, por sua vez, evidencia a existência física de uma Entidade Focalizada.

Figura 9 — Tirinha de André Dahmer



Fonte: https://caio.ueberalles.net/pdf_dos_malvados.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

Na construção “não tem acordo”, presente na Figura 9, acima, o Observador insere no Campo Visual (também aqui entendido através de uma projeção metafórica) a existência negativa de uma Entidade Focalizada: o acordo. Para isso, ele se utiliza de uma construção com o verbo *ter* existencial. Nesse exemplo, a construção emerge de uma projeção metafórica, uma vez que o “acordo” não expressa a inexistência de algo físico, mas sim a inexistência de um referente menos concreto no discurso.

Portanto, acreditamos que esses exemplos analisados nas Figuras 7, 8 e 9 refletem os usos menos prototípicos da *Cena de Alocação de Atenção*, pois, além de envolverem projeções metafóricas, envolvem entidades que não estão imediatamente localizadas no espaço físico do Observador, mas que podem ser inferidas ou abstraídas em um nível discursivo. Isso se alinha à ideia de Givón (2018) de que as entidades menos concretas demandam uma maior elaboração cognitiva, por não estarem associadas diretamente ao *existir no espaço*, e sim à ideia mais abstrata de existência.

Assim, a análise das construções com o verbo *ter* nas tirinhas de André Dahmer permite observar como o frame de *Cena de Alocação de Atenção* organiza o surgimento de entidades no discurso, destacando o papel do Observador na focalização de elementos que inicialmente não estavam no Campo Visual. Logo, nos alinhamos a Fillmore (2009), ao afirmar que:

As palavras que evocam frames em um texto revelam a multiplicidade de maneiras com que o falante ou o autor esquematizam a situação e induzem o ouvinte a construir uma tal visualização do mundo textual que motive ou explique os atos de categorização expressos pelas escolhas lexicais observadas no texto (p. 37).

Em todas as tirinhas examinadas, o verbo *ter* funciona como marcador da emergência de entidades, alinhando-se à teoria de Pinheiro e Ferrari (2015). Além disso, a *hierarquia implicacional* proposta por Givón (2018) fornece uma base teórica para compreender a classificação dessas entidades de acordo com os níveis de concretude, temporalidade e abstração, representando o afastamento da conceptualização prototípica da CAA.

4 Limites e inquietações: o que essa análise também (não) revela

Durante nossa análise, algumas construções com verbos existenciais levantaram questionamentos. Com o objetivo de apontar e discutir essas questões, apresentamos aqui um breve levantamento, buscando não apenas destacar pontos para um aprofundamento futuro, mas também fomentar possíveis debates relevantes no campo da pesquisa linguística.

Inicialmente, deteremos atenção à tirinha ilustrada na Figura 10, abaixo.

Figura 10 — Tirinha de André Dahmer



Fonte: https://caio.ueberalles.net/pdf_dos_malvados.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

Acreditamos que a construção “conte para a doutora que tem mais de dez anos que não vale o meu nome” pode ser analisada sob a ótica da teoria de Givón (2018). De acordo com a hierarquia proposta por Givón, a expressão “tem mais de dez anos” pertence a um domínio temporal, indicando algo que *existe no tempo*, mas não no espaço; no caso, esse algo é o evento de “não falar o meu nome”. Isso a coloca em um nível mais abstrato da hierarquia, ao lado de predicados que se referem a quantidade temporal, e não a entidades nominais concretas. A construção, portanto, não descreve uma entidade observável ou uma situação que ocorre fisicamente no espaço, mas sim uma duração no tempo, algo mais distante da percepção imediata.

Por outro lado, a construção desloca a atenção do ouvinte para um conceito temporal que influencia a interpretação da ação: em uma análise preliminar, podemos perceber que a construção “tem mais de dez anos” não parece surgir diretamente do frame de *Cena de Alocação de Atenção*. Em vez disso, ela é utilizada para marcar a duração de um evento, indicando que a ação de “não falar o meu nome” é uma situação que se estende ao longo de um período temporal específico, sem ser observada de forma imediata ou concreta. Ao comparar as construções “Conte para a doutora que (você) não fala meu nome” e “Conte para a doutora que *tem mais de dez anos* que (você) não fala meu nome”, uma análise possível é de que a inclusão do período temporal “tem mais de dez anos” não altera a dinâmica de alocação da atenção para um elemento presente no espaço, mas enfatiza a continuidade temporal da ação ausente. Isso sugere que, além de a construção temporal funcionar como um modificador do evento, as construções temporais como [V_{EXISTENCIAL} + complemento temporal] são expressões mais

idiomáticas/lexicalizadas¹⁶ no PB¹⁷.

Se esta análise estiver correta, a construção “papai morreu há dez anos”, com o verbo *haver* — que não é foco de nossa análise, mas é, em estudos linguísticos, frequentemente relacionado aos verbos existenciais —, retirada da tirinha ilustrada abaixo na Figura 11, também corresponde à mesma função que a construção “tem mais de dez anos” tem no discurso.

Figura 11 — Tirinha de André Dahmer



Fonte: https://caio.ueberalles.net/pdf_dos_malvados.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

Uma outra construção com o verbo *ter* encontrada em nossa análise é a construção que carrega o sentido de posse. Segundo Avelar (2004), no plano semântico, a noção de posse nas construções com o verbo *ter* é complexa, pois as relações entre as entidades não são uniformes¹⁸. Essa indefinição semântica é um dos motivos para esse verbo ser referenciado como um verbo-suporte, considerando que a posse pode ser material, imaterial, intrínseca, locativa, temporal, psicológica, entre outras (Avelar, 2004).

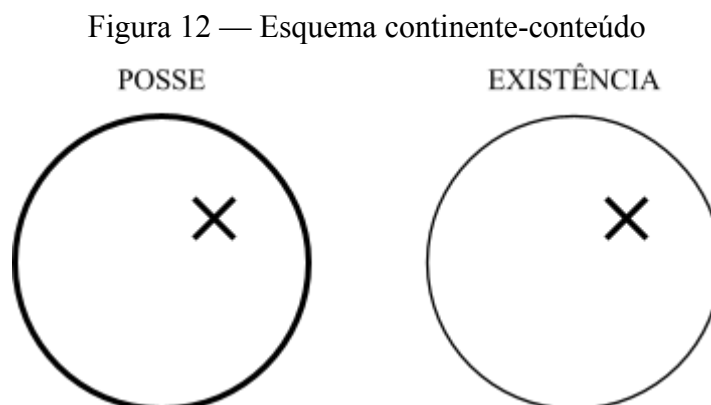
Também em perspectiva cognitiva, Gerhardt e Pinheiro (2002) partem da premissa de que a posse e a existência são conceitos interligados e fundamentados em esquemas imagéticos. Com base na ideia de que nosso pensamento é corporificado (Johnson, 1987), os autores sugerem que compreendemos a posse por meio do esquema imagético continente-conteúdo, no qual algo está contido dentro de um espaço delimitado. Assim, enunciados possessivos, como “O Rio de Janeiro tem muitas praias”, são interpretados com “Rio de Janeiro” como o continente e “muitas praias” como o conteúdo. A mesma lógica se aplica às *construções existenciais*, como “Tem muitas praias no Rio de Janeiro”, que refletem a mesma cena objetiva, mas com uma diferença na focalização: (i) quando falamos em posse, o foco recai sobre o possuidor, ou seja, a pessoa que detém algo; (ii) já na existência, a ênfase se desloca para a própria coisa

¹⁶Construções mais idiomáticas são menos composicionais, visto que seu significado não deriva diretamente de suas partes (Traugott; Trousdale, 2021). Nesse sentido, esses usos expressam determinados significados idiossincráticos (Brinton; Traugott, 2005), uma vez que vinculam o significado a noções lexicais mais abstratas que foram consagradas pelo uso em uma comunidade linguística.

¹⁷Machado Vieira (2003) propõe análise funcionalista para esses usos.

¹⁸Sentenças como “Pedro tem um livro” expressam posse clara, mas em “Pedro tem professor” ou “Pedro teve o braço amputado”, a relação é diferente (Avelar, 2004).

existente, independentemente de quem a possua. A Figura 12, abaixo, ilustra a proposta, em que o círculo representa o continente e o “x” representa o conteúdo.



Fonte: Gerhardt e Pinheiro (2002, p. 127).

A hipótese central dos autores é de que essa variação de foco decorre de um mecanismo cognitivo de (re)focalização, semelhante ao esquema de ponto de referência de Langacker (2009). Isso significa que a distinção entre posse e existência não se dá por estruturas sintáticas distintas, mas sim por um ajuste cognitivo na maneira como a cena é interpretada, isto é, na maneira como focalizamos os elementos envolvidos em uma situação. Nesse sentido, quando o falante utiliza uma construção possessiva, destaca-se o possuidor (o continente) e o possuído (o conteúdo) — representados em linhas grossas na Figura 12. Por outro lado, quando o falante utiliza uma *construção existencial*, destaca-se somente o conteúdo — representado de maneira destacada na Figura 12. Nesse último sentido, a expressão locativo-temporal frequentemente utilizada em uma *construção existencial* seria o continente.

No entanto, assim como Avelar (2004), os autores reconhecem que o conceito de posse é polissêmico e pode abranger diferentes tipos de relações, como propriedade, qualidade, função ou associação social. Eles propõem que a maioria dessas variações ainda pode ser explicada pelo esquema continente-conteúdo e pela capacidade de (re)focalização. A proposta é clara quando comparadas duas sentenças que compartilham da mesma cena objetiva — como “o Rio de Janeiro tem muitas praias” e “tem muitas praias no Rio de Janeiro” —, entretanto, acreditamos que a análise fica comprometida em sentenças como “tem um otário nos espiando” ou “tem um helicóptero vindo em nossa direção”, analisadas anteriormente. Nesse caso, a análise poderia ser válida se considerarmos que, na construção “tem um otário nos espiando”, o continente seria, metaforicamente, o próprio campo de visão (em um sentido amplo), que possui um “otário” espiando alguém. De forma semelhante, em “tem um helicóptero vindo em nossa direção”, o continente poderia ser o “espaço” em que o observador se encontra, que contém o helicóptero. No entanto, acreditamos que esses exemplos se referem a usos motivados discursivamente pela alocação de atenção a um referente. Assim, o objeto de análise deste artigo ficaria comprometido se fosse explicado a partir do esquema continente-conteúdo. A construção “tem muitas praias no Rio de Janeiro” nada mais é do que uma alocação de atenção, podendo, portanto, ser

explicada também pela CAA, em que a Entidade Focalizada é a praia e a expressão locativa “no Rio de Janeiro” representa o perfilamento do Campo Visual.

Porém, essa aproximação entre análises que consideram a *Cena de Alocação de Atenção* e o esquema imagético de continente-conteúdo não é aleatória, uma vez que é possível refletir sobre alguma semelhança entre as duas: ambas consideram a presença de um componente que representa uma “área” restrita e um componente que é focalizado dentro dessa “área”.

Neste trabalho, não nos filiamos à proposta desses autores que tomam como ponto de partida o esquema imagético continente-conteúdo como responsável pela emergência dessas duas construções. Entretanto, esse importante trabalho dos autores focaliza, nos estudos linguísticos brasileiros, o debate sobre a relação entre existência e posse¹⁹.

Assim, não nos deteremos a essa trilha exploratória. Antes, apenas queremos indicar uma função que, nos exemplos analisados de construções com verbo *ter* no corpus, mostrou-se comum entre as *construções existenciais* e as *construções possessivas*. Ao menos em uma análise preliminar (e aqui, como já explicado, não encerramos essa discussão, apenas registramos inquietações que surgiram durante a pesquisa), as *construções possessivas* parecem também cumprir, discursivamente, a função de focalizar uma entidade. Logo, o uso desse tipo de construção não parece estar restrito somente à definição semântica de posse.

Tomemos como exemplos as tirinhas ilustradas nas Figuras 13 e 14, a seguir.

Figura 13 — Tirinha de André Dahmer



Fonte: https://caio.ueberalles.net/pdf_dos_malvados.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

A construção do primeiro quadrinho, “tenho aqui atrás um bombom de chocolate”, por mais que não apresente um sujeito gramatical e apresente somente a desinência de pessoa no verbo, seria, tradicionalmente, alocada nas *construções possessivas*: alguém (o rei) possui alienadamente alguma coisa (o bombom de chocolate). No primeiro quadrinho, quando o personagem da realeza profere essa fala, ele intenta conquistar informações do aprisionado “comprando-o” com o suposto bombom de chocolate. Ora, para isso, ele se utiliza do verbo *ter* para indicar a emergência de uma entidade (Pezatti, 1993). Esse uso é facilmente explicado pelo frame

¹⁹ Na realidade, a pesquisa linguística tipológica frequentemente indica uma relação entre existência, posse, propriedade (verbos copulares) e localização (cf. Heine, 1997).

de *Cena de Alocação de Atenção*: em um primeiro momento, uma dada entidade não está presente no Campo Visual do Observador (o rei); já em um segundo momento, essa entidade (o bombom de chocolate) ingressa no Campo Visual do Observador, que irá então alocar sobre ela seus recursos de atenção. Isso torna o bombom de chocolate a Entidade Focalizada.

Figura 14 — Tirinha de André Dahmer



Fonte: https://caio.ueberalles.net/pdf_dos_malvados.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

No primeiro quadrinho da Figura 14, acima, para a *construção possessiva* “tenho um plano para assaltar o Papai Noel” — com sujeito pronominal marcado desinencialmente no verbo — pode ser feita a mesma análise que propomos no exemplo anterior: em um primeiro momento, uma dada entidade não está presente no Campo Visual do Observador (o segundo girassol do quadrinho); já em um segundo momento, essa entidade (um plano específico) ingressa no Campo Visual do Observador, que irá então alocar sobre ela seus recursos de atenção. Isso torna o plano de assaltar o Papai Noel a Entidade Focalizada — claramente considerando projeções metafóricas entre entidade e o “plano de assalto”.

Em resumo, como indicamos nesta seção, a análise das *construções existenciais* e *possessivas* com o verbo *ter* revela nuances discursivas que merecem mais investigação. Embora essas construções compartilhem aspectos como a focalização de entidades, ainda existem questões abertas sobre as fronteiras entre posse e existência. Assim, acreditamos que esse estudo, ao apresentar inquietações, propõe novos caminhos para aprofundamento na pesquisa linguística, incentivando debates sobre suas complexidades.

5 Tentando colocar alguns pingos nos ii

Congregar tudo o que discutimos nas seções 3 e 4 deste trabalho sobre o uso de construções com verbo *ter*, entretanto, não parece uma tarefa impossível. Para isso, tomemos como suporte teórico a proposta construcional de Croft (2022). Para esse autor, uma construção tem, em sua estrutura básica, um polo para a *forma* e um polo para a *função*. No polo da *forma*, encontramos a *estrutura morfossintática* da construção. Já no polo da *função*, encontramos o *conteúdo semântico* e o *empacotamento de informação*.

Assim, de acordo com Croft (2022), as construções carregam *conteúdo semântico* e expressam um *empacotamento de informação* desse conteúdo, que também é denominado de função discursiva. Para o linguista, esse *empacotamento da informação* é o modo como a informação descrita é utilizada no discurso. Ora, todas as construções que analisamos neste trabalho são utilizadas no discurso para introduzir uma Entidade Focalizada, ou seja, são utilizadas com função *apresentacional*²⁰.

Logo, tratando-se do empacotamento de informação, o uso do verbo *ter* se enquadra em dois possíveis tipos de construções, também atestados por Croft (2022) em sua pesquisa tipológica: *construção de localização apresentacional* e *construção de posse apresentacional*.

A primeira, *construção de localização apresentacional*, refere-se a:

Uma organização da informação apresentacional da relação de localização espacial, na qual a figura na relação locativa é introduzida no discurso, ancorada pelo objeto de base; e a construção que expressa essa função. Exemplo: em *In the room was a request for breakfast, a request for breakfast* está sendo introduzido no discurso, ancorado por sua relação espacial com *the room* (Croft, 2022, p. 1459)²¹.

Já a segunda, *construção de posse apresentacional*, refere-se a:

Uma organização da informação apresentacional da relação de posse, na qual um possuído é introduzido no discurso, ancorado pelo possuidor; e a construção que expressa essa função. Exemplo: em *Kerry has a laptop, a laptop* é introduzido no discurso, mas ancorado a *Kerry* pela relação de posse entre eles (Croft, 2022, p. 1459).

Assim, defendemos que construções como “tem um otário nos espiando” e “tenho aqui atrás um bombom de chocolate”, por mais que sejam estudadas distintamente na tradição linguística como, respectivamente, existência e posse, têm em comum o empacotamento de informação (ou a função discursiva) de apresentar uma entidade no discurso. Logo, ambas são *construções apresentacionais* (Croft, 2022). A diferença está no conteúdo semântico que carregam: enquanto a primeira carrega o conteúdo semântico de existência, a segunda carrega o conteúdo semântico de posse²².

Esse tipo de proposta é, possivelmente, uma resposta a Costa (2018, 2022), que afasta as *construções existenciais* das *construções apresentacionais*, porque, segundo o linguista, a *construção existencial* tem função de *inserção* de informação nova na sequência enunciativa, enquanto a construção apresentativa tem função de

²⁰ Essa função que construções com verbos existenciais apresentam no uso do discurso não é novidade nos estudos linguísticos (cf. Pezatti, 1993, 2012, 2014; Santos, 2019).

²¹ Em nossa análise, estamos também levando em consideração a teoria da hierarquia implicacional de Givón (2018) anteriormente explicada. Assim, *construções de localização apresentacional* no PB não necessariamente acompanham uma expressão locativo-temporal.

²² Outra hipótese para as construções com *ter* no PB pode ser baseada em Croft (2022), quando o linguista sugere que há versões mais gramaticalizadas da estratégia de posse apresentacional, dentre as quais inclui-se o espanhol “Había muchas chicas de mi edad y más jóvenes” (“Havia muitas garotas da minha idade e mais jovens”). Levando isso em consideração, não é difícil alinhar o rumo que a construção com *haber* tomou no espanhol com o rumo que a construção com *haver* e *ter* também tomou no PB.

apresentar/focalizar uma informação — compreender a diferença entre noções como inserir, apresentar e focalizar nos parece uma tarefa um tanto quanto complicada.

Portanto, não negamos a existência de construções que semanticamente expressam a noção de existência (Costa, 2018, 2022), mas nos distanciamos de propostas que as consideram desvinculadas da função apresentacional. Essa função parece ser uma condição inerente ao uso discursivo da construção, uma vez que, como detalhamos neste trabalho, ela emerge do frame de *Cena de Alocação de Atenção*.

Considerações finais

Neste trabalho, investigamos construções com o verbo *ter* no português brasileiro, analisando-as sob a perspectiva da Semântica de Frames e da *Cena de Alocação da Atenção* (Pinheiro; Ferrari, 2015). Utilizando um corpus de tirinhas de André Dahmer, descrevemos padrões discursivos encontrados. Nosso objetivo foi destacar o papel fundamental do verbo *ter* nas *construções apresentacionais* do português brasileiro, demonstrando que o uso desse verbo em construções VS não é aleatório, mas orientado por princípios cognitivos que estruturam a introdução de entidades no discurso. Assim, essa abordagem corrobora a hipótese de que a ordem verbo-sujeito está associada a fenômenos discursivos de focalização e apresentação de informação nova.

A análise revelou que o verbo *ter* em construções VS sinaliza a emergência de uma entidade no discurso, inserindo-se no frame de *Cena de Alocação de Atenção*, no qual o Observador direciona seu foco para uma Entidade Focalizada que, inicialmente ausente, ingressa no Campo Visual. Além disso, mostramos que projeções metafóricas e a *hierarquia implicacional* de Givón (2018) explicam variações prototípicas desses usos.

Por fim, propomos, de maneira preliminar, que construções com o verbo *ter* podem expressar diferentes noções semânticas (como posse e existência), mas, do ponto de vista discursivo, enquadram-se no grupo das *construções apresentacionais* (Croft, 2022), devido ao foco na introdução de entidades no discurso.

Acreditamos que este trabalho contribui para a pesquisa linguística ao explorar o uso de construções do verbo *ter* sob a perspectiva do frame de *Cena de Alocação de Atenção*, uma abordagem que auxilia no levantamento de hipóteses sobre a organização cognitiva do discurso do falante. Além disso, essa análise se mostra instigante para futuras investigações construcionais, especialmente no que diz respeito à relação entre *construções existenciais* e *possessivas* em diferentes gêneros discursivos. Assim, a pesquisa oferece uma contribuição para estudos linguísticos que buscam compreender as interações entre gramática, cognição e discurso.

Como citar este artigo?

BARBOSA, I. A. Construções com o verbo *ter* e a função apresentativa: uma análise à luz da semântica de frames. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 23, n. 1, p. 65–92, 2024.

Referências

- AVELAR, J. O. *Dinâmicas morfossintáticas com ter, ser e estar em português brasileiro*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <https://javelarnet.wordpress.com/wpcontent/uploads/2017/08/mestrado-avelar-2004.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2024.
- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.
- COSTA, L. A. *Construções existenciais no português brasileiro em perspectiva construcional*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/183b31c1-8498-4760-b741-3c98b98e28b2>. Acesso em: 5 set. 2024.
- COSTA, L. A. Rede construcional: a relação entre monoargumental, apresentativa e existencial na língua portuguesa. *Revista Tabuleiro de Letras*, v. 16, n. 2, p. 217–229, jul./dez. 2022.
- CROFT, W. *Morphosyntax: Constructions of the World's Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DUARTE, I. A família de construções inacusativas. In: MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 507–548.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRARI, L. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 149–165, 2010. Disponível em: <https://falaminhalingua.com/wp-content/uploads/2018/09/modelos-de-gramatica-em-linguistica-cognitiva.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: The linguistic society of Korea. *Linguistics in the morning calm: selected papers from SICOL-1981*. Seul: Hanshin Publishing Company, 1982, p. 111–137.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 373–400.
- FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, p. 222–254, dez. 1985.
- FILLMORE, C. J. Semântica de frames. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, v. 01, n. 25, jul./dez. 2009.

FILLMORE, C. J.; JOHNSON C. R.; PETRUCK M. R. L. Background to FrameNet. *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 3, set. 2003.

GEERAERTS, D. Prototype theory: Prospects and problems of prototype theory. In: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 141–166.

GERHARDT, A. F.; PINHEIRO, D. Gramática e Cognição: Um Estudo das Construções Possessivas e Existenciais no Português Brasileiro. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 8, p. 111–134, 2002.

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. 2. ed. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2018.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University Press, 1987.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: University Press, 2008.

LANGACKER, R. W. Possession, location, and existence. In: LANGACKER, R. W. *Investigations in Cognitive Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 81–108.

MACHADO VIEIRA, M. S. Caracterização do comportamento multifuncional de fazer. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. v. 1. p. 77–102.

NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola, 2014.

PEZATTI, E. G. A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do português falado. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 37, p. 159–178, 1993. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3942>. Acesso em: 8 set. 2024.

PEZATTI, E. G. Ordenação de constituintes em construções categorial, tética e apresentativa. *D.E.L.T.A.*, v. 28, n. 02, p. 253–385, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/9852>. Acesso em: 8 set. 2024.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Interface Sintaxe-Semântica: em defesa de uma abordagem construcionista para a ordem VS do português brasileiro. *Letrônica*, v. 8, n. 2, p. 285–303, jul./set. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/20403>. Acesso em: 7 set. 2024.

RIBEIRO, P. R. O.; SOARES, M. S.; CUNHA LACERDA, P. A. A realização da noção de existência no “mineirês”: um estudo da variação dos verbos ter, haver e existir. *Signótica*, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 533–559, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/19192>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CONSTRUÇÕES COM O VERBO *TER* EM FUNÇÃO APRESENTATIVA: UMA ANÁLISE À LUZ DA SEMÂNTICA DE FRAMES

SANTOS, S. S. *O estatuto morfossintático, semântico e pragmático de verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_1f55569da8ccbbaea62cffda7748a5cbd. Acesso em: 3 set. 2024.

SILVA, R. V. B. M. O. Nos limites finais do período arcaico: a vitória de ter "verbo de posse" e auxiliar de tempo composto e a sua emergência como "verbo existencial". *Revista do GELNE*, Fortaleza, n. 1, v. 2, p. 117–121, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/46839>. Acesso em: 19 ago. 2024.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Petrópolis: Vozes, 2021.

VIOTTI, E. Uma história sobre “ter” e “haver”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, p. 41–50, jan./jun. 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637050>. Acesso em: 26 jun. 2024.